Esta matéria foi escrita e publicada durante o meu estágio editorial no Jornal do Centro, a propósito das celebrações do Dia do Autor Português. Nota: O arquivo do website original encontra-se indisponível por motivos técnicos do servidor da empresa, estando o trabalho aqui reproduzido na íntegra para consulta de portefólio.

Branquinho da Fonseca: Ser escritor é muito mais que escrever

A propósito do Dia do Autor Português (que se assinala a 22 de maio), Luís Branquinho, neto de Branquinho da Fonseca, e Maria Mota Almeida, estudiosa da vida e obra do autor, falam sobre as facetas do escritor e o legado deixado por ele. A Biblioteca Itinerante é um desses legados.



"Eu sempre vivi entre livros, é justo que eu dedique a minha vida a fazer ler os outros" é uma das frases mais célebres do escritor natural de Mortágua, Branquinho da Fonseca, e que fez jus à sua missão de 'fazer ler os outros'.

"Ir contra um pensamento único num país que defendia uma única maneira de pensar" é o maior legado do avô, afirma Luís Branquinho.

Em pleno Estado Novo, Branquinho da Fonseca 'remou contra a maré' ao criar uma Biblioteca Móvel que levou os livros 'ao encontro dos leitores'. O êxito desta experiência, iniciada em Cascais, fez com que Azeredo Perdigão o convidasse a alargar o projeto a Portugal Continental, Açores e Madeira. As Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian começaram a circular em 1958. A carrinha levava livros para todos os cantos do país. Havia quem, nas diferentes localidades, "lesse em voz alta para aqueles que não sabiam ler" de modo que "pudessem ter acesso ao conteúdo dos livros", explica Luís Branquinho.

O percurso do autor que abria a biblioteca, do Museu-Biblioteca Condes de Castro de Guimarães - Cascais, à noite para que as pessoas que trabalhavam pudessem requisitar livros, não foi fácil. Quando as bibliotecas itinerantes começaram a circular as "adversidades foram grandes" conta Maria Almeida, estudiosa da vida e obra do autor. Apesar disso, não foram as dificuldades que impediram o autor de continuar a levar conhecimento a todos. As carrinhas funcionaram durante muitos anos como elemento de promoção cultural descentralizado.

"Branquinho da Fonseca não era um escritor que estava isolado na sua torre de marfim", diz Maria Mota Almeida, " Tinha consciência das dificuldades e problemas que havia no seu país", acrescenta. O seu trabalho como escritor foi ainda mais longe ao agir como um verdadeiro educador.

Branquinho da Fonseca, natural de Mortágua, revolucionou a história da leitura e da educação em todo o país.